

Curtalicen: Relato de experiência sobre o desenvolvimento de curtas-metragens em cursos de licenciatura

Rutinelli da Penha Fávero¹ Sirley Trugilho da Silva¹, Flavia Tosato¹, Vanessa Battestin Nunes¹

¹Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes)
Rodovia ES-010 - Km 6,5 – Manguinhos 29173-087 - Serra – ES – Brasil
{rutinelli, strugilho, vanessa}@ifes.edu.br
{fla.tosato}@hotmail.com

***Abstract.** The objective of this paper is to present the project Short Films Licen, which was conducted with undergraduate students and a professor and was intended to expand procedurally the vision of those involved about the possibility of using short films in the classroom. In this project, we worked on elements that sought to unite culture, education and the language of cinema. Among the stages of development, students got to know more about the language of short films debated topics in the classroom and throughout that produced their work in groups. As a result, in addition to the production, we noticed the expansion of knowledge of those involved in the potential application of short films production as a strategy for teaching and learning.*

***Resumo.** O objetivo deste artigo é apresentar o projeto Curta Licen, que foi realizado com professor e alunos licenciandos e teve como finalidade ampliar processualmente a visão dos envolvidos sobre a possibilidade do uso de curtas-metragens em sala de aula. Nesse projeto, foram trabalhados elementos que buscaram unir cultura, ensino e linguagem cinematográfica. Dentre as etapas de desenvolvimento, os alunos conheceram mais sobre a linguagem dos curtas, debateram temas em sala de aula e, ao longo disso, produziram seus trabalhos em grupos. Como resultado, além das produções, percebemos a ampliação do conhecimento dos envolvidos nas potencialidades da aplicação da produção de curtas como estratégia de ensinoaprendizagem.*

1. Introdução

As novas tecnologias estão presentes no cotidiano dos alunos e esses usos mudam as formas de aprender e devem impactar as formas de ensinar. De acordo com pesquisa estatística da *Kaiser Family Foundation* [Rideout, Roberts & Foehr, 2005 apud Instituto Claro, 2011, p. 03], o tempo gasto por jovens entre 08 e 18 anos utilizando mídias diversas é de aproximadamente 6h30min por dia, maior do que qualquer outra prática de lazer ou a gasta com atividades de estudos em casa. Pesquisa da Cetic-br Kids online Brasil 2012 mostrou que 84% das crianças e adolescentes entre 09 e 16 anos de idade utilizam a internet pelo menos uma ou duas vezes por semana. 53% fazem uso das redes sociais e mensagens instantâneas todos os dias [Barbosa; Santos; Cappi; Alves; Jereissati; CGI.br; NIC.br; CETIC.br; 2012].

Com essa realidade, a formação do professor também passa por mudanças, pois precisa refletir as possibilidades de mediação pelas ferramentas tecnológicas [Mercado

2002]. Dessa forma, o uso de ferramentas digitais aliado a uma formação crítica de professores, implementado de maneira a unir conhecimentos diversificados de forma interdisciplinar foi o cenário para o projeto do Curta Licen.

Os curtas-metragens são filmes curtos, com duração de não mais de 20 minutos (normalmente) e que recebem esse nome já que antes os filmes eram gravados em rolos (parecidos com os que eram utilizados em filmes fotográficos). O rolo era grande e caro, então os curtas, desde o início, tiveram um caráter de ser mais acessível.

A partir da década de 20, no mundo inteiro, entende-se "filme" como uma história contada em imagens (e, mais tarde, também sons) com duração entre 90 e 120 minutos. Qualquer coisa que sair deste padrão necessita de um qualificativo extra: filme de curta-metragem, filme de duração extraordinária [Brasil, 2001, s/p].

O uso de vídeos em ambiente escolar não é algo novo, mas tem crescido amparado no avanço da Internet (banda larga) e na democratização dos aparatos digitais que possibilitam esse uso e à produção, sejam câmeras digitais, sejam os computadores e *notebooks*, além das ferramentas gratuitas de edição e formas de divulgação [Oliveira; Santana & Pontes 2010].

A inovação desse projeto não consiste em propor a utilização de curtas em sala de aula, já que existem algumas propostas para tal, com repositórios mantidos por Organizações não Governamentais (ONGs), outros mantidos por empresas e alguns com incentivo governamental. Citamos, como exemplo, o mantido pela Claro (Instituto Claro), bem como o projeto Curta na Escola, que é um braço do Porta Curtas Petrobras. Ambos disponibilizam curtas e possuem banco de dados com sugestões de uso em sala de aula.

Também há o Anima Mundi, cujo site¹ disponibiliza material e curso para docentes, trabalhando na perspectiva de produção de animações. No mais, observa-se a difusão e o crescimento dessa produção por meio dos diversos festivais nacionais e internacionais, como o já citado Vitória Cine Vídeo, o Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, o Interfilm - Festival Internacional de Curtas-metragens de Berlim entre outros.

Existem, também, algumas iniciativas locais provenientes de escolas, mais sistematicamente em cursos técnicos ou superiores nas áreas de Comunicação e Artes, ou mesmo em pesquisa ou ensino nas salas de aula da Educação Básica, cito, como exemplo, o trabalho de Assis Jr [et al] (2012) referente a produção de um curta como ferramenta para o ensino de química.

Nossa proposta, porém, objetivou a colaboração na formação de professores a partir da produção e apresentação dos curtas, por alunos de licenciatura, que aprendem a planejar todos os passos da produção dos curtas – desde roteiros até a versão final; utilizam a tecnologia para construir curtas e trabalhá-los e apresentá-los; discutem as

¹ <http://www.animaescola.com.br/br/>

teorias que embasam cada proposta individualmente e coletivamente e, por último, discutem a práxis do uso dessas ferramentas para suas futuras salas de aula.

2. A produção e o uso dos curtas-metragens em salas de aula na perspectiva da formação docente

A importância da produção de curtas em sala de aula perpassa não apenas, portanto aprendizagem da linguagem cinematográfica e das ferramentas de edição e armazenamento, ainda que isso seja importante. Os vídeos vão muito além de veicular um conteúdo, pois possibilitam que se trabalhe com o conceito de descentração perceptiva, das múltiplas realidades, tempos e espaços simultaneamente possíveis, dentre outros, aproximando a sala de aula do cotidiano do aluno. De acordo com Moran (1995):

O vídeo explora também e, basicamente, o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo-distante, alto-baixo, direita-esquerda, grande-pequeno, equilíbrio-desequilíbrio). Desenvolve um ver entrecortado -com múltiplos recortes da realidade -através dos planos- e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmera fixa ou em movimento, uma ou várias câmeras, personagens quietos ou movendo-se, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador. Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro. O ver está, na maior parte das vezes, apoiando o falar, o narrar, o contar histórias. A fala aproxima o vídeo do cotidiano, de como as pessoas se comunicam habitualmente. Os diálogos expressam a fala coloquial, enquanto o narrador (normalmente em off) "costura" as cenas, as outras falas, dentro da norma culta, orientando a significação do conjunto. A narração falada ancora todo o processo de significação [Moran, 1995, s/n].

Já incluindo os usos das tecnologias disponíveis, podemos dizer, também, que o trabalho com a linguagem cinematográfica envolve arte, tecnologia e visão de mundo:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar [Napolitano, 2006, p. 11].

O vídeo pode ser utilizado de várias formas em sala de aula, seja introduzir um assunto, ampliar sua discussão ou mesmo encerrar um tema. Além disso, pode ser utilizado sempre que for necessário o aprofundamento em uma temática que necessite de melhor visualização. Por isso, além de mostrar vídeos em sala, é possível sua produção direcionada para os conteúdos ou temáticas mais necessárias, possibilitando uma liberdade ao professor e ao aluno para que o vídeo mostre e aborde o tema da maneira que mais os representem, com uma duração menor que um filme, mais adequada ao tempo adequado para uso em sala de aula.

O acesso à tecnologia para a produção dos vídeos hoje é realidade a partir de equipamentos e dispositivos tais como celulares, webcams e câmeras fotográficas digitais. Podemos dizer que “(...) surge um amplo universo de experimentação,

discussão e reflexão, possibilitando a construção de relações ainda mais próximas entre educador e aluno” [Instituto Claro, 2011, p.02].

Em relação à gravação podemos ter vídeos digitais que já são gravados com codificadores para o vídeo e para o áudio. Os mais conhecidos: *MPEG*, *Dvix*, *Avi*, *Mp4* e *Xvid*. Quanto ao armazenamento os *Cd's*, os *DVD's* e os *pen-drives* são dispositivos de armazenamento com boas capacidades e de utilização bastante diversificada, além de acessível pelos atuais valores e popularização da tecnologia [Vescovi Netto & Nobre 2011].

Ademais, quando se coloca para o aluno a tarefa de que ele produza um vídeo relacionado à temática que o professor está trabalhando em sala de aula, ele sai do papel passivo de absorção do conhecimento. Ele precisa interagir com esse objeto que visa conhecer, explorá-lo de uma forma diferente da qual faz em sala de aula, usando outros meios e recursos, produzindo algo novo com o conhecimento que adquiriu, ou seja, requer-se necessariamente uma Abstração Reflexionante, que transfere “a um plano superior o que foi tirado de um nível inferior de atividade” do que advêm diferenças que levam necessariamente ao patamar de chegada, composições novas e generalizadoras.” [Piaget, 1995, p. 6]. Potencializa-se, assim, o processo de *ensino aprendizagem*, tornando-o, significativo, pois o aluno não é chamado apenas para reproduzir um conhecimento adquirido, ele é convidado à produzir um novo conhecimento sobre o que foi trabalhado.

Com base na hipótese de que o conhecimento construído na produção dos curtas com orientação em sala de aula é um conhecimento novo, afirmamos que:

(...) na Interdisciplinaridade há a produção de um conhecimento novo a partir de duas ou mais áreas que se integram para tal. O interdisciplinar consiste num tema, objeto ou abordagem em que duas ou mais disciplinas se relacionam para alcançar maior abrangência de conhecimento. [Nobre, Nunes, Fávero, Gava and Bazet, 2012, p. 2 e 3].

Produzir curtas contribui para a compreensão de mundo, o raciocínio lógico, a curiosidade frente aos fenômenos da natureza, a sensibilidade frente às questões da sustentabilidade, o prazer de descobrir e a diversão de aprender. Pensar que a aprendizagem com os curtas interfere nas formas de ver o mundo, faz eco com a visão de que esse conhecimento interfere e integra diversos outros, esse conhecimento faz parte da cultura, como uma forma de religação, “uma argamassa, um cimento que permite construir sentido integrando conhecimentos” [Ardoino, 2010, p.499]

Mais especificamente fazendo a relação com o ensino de ciências naturais, em especial a química, a produção dos curtas contribui na compreensão de modelos sensoriais que irão, processualmente, ser trabalhados para que se tornem modelos mentais. Isso nos parece ser importante no que tange à aquisição de competências necessárias para a aprendizagem de química e, conseqüentemente, das ciências como um todo, fazendo uma ponte entre esse conceito e a necessidade de abstração científica “(...) na Química, além dos signos matemáticos e linguísticos, a modelação, a interpretação microscópica de fenômenos observáveis, está muito ligada à representação pictórica.” [Greca and Santos, 2005, p. 34].

Refletimos, portanto, na importância da formação dos docentes que aprendem a usar os curtas-metragens produzidos por eles mesmos, além do uso adequado desses em sala para a aprendizagem de conteúdos diversos.

3. Metodologia

Ao longo do Curta Licen foi realizada uma revisão de literatura sobre alguns temas abordados: uso de tecnologia em educação e na formação de professores e, os específicos sobre uso e produção de curtas-metragens. As definições do caminho traçado foram feitas a partir dessa revisão, mas, também, com base nas experiências dos alunos em cada etapa do projeto. Assim, nossa proposta, incluiu as sugestões do Guia do educador, do Miniguia de Produção de Vídeos de Curtíssima Metragem e da Cartilha Anima Escola e os demais textos citados nesse trabalho.

Foi proposto aos alunos a participação no evento 19º Vitória Cine Vídeo, para que conhecessem o universo cinematográfico dos curtas (linguagem cênica, iluminação, ângulo de filmagem, edição etc.). Dos curtas assistidos foram realizados debates em sala de aula.

Depois de os alunos terem ido ao evento e demonstrando terem se interessado pelo assunto, a professora propôs que eles fizessem curtas de duração de no mínimo 30 segundos e no máximo um minuto, com o tema a escolha dos alunos. Na sala de aula, os alunos foram divididos em duplas e/ou trios, que iniciaram as escolhas dos temas.

Foi disponibilizada uma apresentação no Prezi² para que os alunos colaborassem e usassem como base para outras ideias. Também, foi indicado que fizessem alguns cursos gratuitos e online³ para ampliar as técnicas que poderiam ser utilizadas. Ao longo de algumas aulas, foram realizados debates dos grupos com a professora e feitas pesquisas sobre os temas e técnicas (filmagem, edição, áudio entre outras).

O projeto culminou com um evento que teve como o nome “Curta Licen” onde aconteceu as apresentações das produções dos alunos no Ifes Campus Vila Velha, no dia 22 de fevereiro de 2013, do qual os convidados foram os alunos da Licenciatura em Química, do curso Técnico em Química do Ifes campus Vila Velha, da Licenciatura em Física do Ifes campus Cariacica, docentes e servidores do campus em geral.

De maneira gráfica, podemos representar o processo do Curta Licen em um passo a passo com base no Instituto Claro (2011, p. 10):

Definição de projeto: escolher o tema e como será abordado no vídeo, sempre pensando nos aspectos de construção de conhecimento que deseja atingir.

Roteiro: elaborar documento contendo a ideia principal, a estrutura e a ordem do que será filmado.

Seleção de recursos: definir os equipamentos a serem utilizados (celular, filmadora, gravador, câmera fotográfica digital, microfones, iluminação, computador) e planejar locais de filmagem, cenários, objetos, figurinos etc.

² <http://prezi.com/onzi6upnmeio/curtas/>

³ [http://portaldocurta.wordpress.com/tag/cursos-online-gratis/;](http://portaldocurta.wordpress.com/tag/cursos-online-gratis/)

Filmagem: realizar a gravação do vídeo, seguindo o que foi definido nas etapas anteriores e prestando atenção a elementos como enquadramento, foco, iluminação, som etc.

Edição de áudio e vídeo: selecionar e montar as cenas, inserir trilha sonora, dublagens e locuções, além de título e créditos.

Compartilhamento: publicação do vídeo em website, blog ou redes sociais, divulgação do link, realização de sessões para públicos de interesse.

Nesse projeto, porém, essas etapas não foram rígidas. Apesar de hierárquicas, elas se interpuseram em alguns momentos e, em outros, houve a necessidade de retorno (como no caso de um grupo que escolheu trabalhar com um projeto com determinado tema e, ao iniciar as filmagens, foi preciso retornar às etapas de planejamento):



Figura 1. Diagrama das ações do Curta Licen

Cabe mencionar que, apesar de não ter sido a intenção fazer uma competição e muito menos ranquear as produções, aproveitamos o momento do evento, dentro da etapa de compartilhamento, armazenagem e visualizações, para já incluir a etapa considerada final, a de avaliação.

Todos os participantes do evento avaliaram as produções e escolheram as que mais gostaram. Além disso, havia uma banca, com docentes das áreas de educação, informática e química. A banca não era para escolha, mas, para avaliação dos processos educativos.

Foram avaliados:

- A clareza da história: A história proposta não precisa ter nexos, mas ela deve ter um vínculo a um tema ou questão. Deve deixar uma sensação ou um sentimento. Entendemos que aqui deve ser avaliado o roteiro.
- A habilidade técnica cinematográfica dos editores: Essa é uma avaliação da parte técnica: som e trilha sonora, fotografia e edição. Verifica-se se o som ou a trilha sonora é coerente com a história e se ela foi bem explorada; analisa-se a imagem do curta, sua nitidez e se a sensação que passa é coerente com a história e procure atentar para a edição (recursos, troca de cena, cores, entre outros).
- A criatividade: Forma de abordagem do tema, utilização de recursos inusitados, formas de se expressar por meio da linguagem cinematográfica, etc.
- A possibilidade de uso do curta em sala de aula: Não necessariamente em relação ao ensino de ciências. Aqui a escola é pensada como algo mais amplo.

4. Alguns resultados

Durante os cinco meses do projeto os alunos participaram ativamente. Todos os grupos realizaram seus curtas e escolheram diversas temáticas, utilizaram diversas técnicas de produção e de edição de áudio e vídeo.

Algumas imagens de curtas produzidos pelos alunos são mostradas na Figura 2.



[Andrade; Ferraz; Cunha 2012]



[Tosato; Castro; Pirola 2012]



[Porto; Carvalho 2012]



[Rodrigues; Oliveira; Ragassi 2012]

Figura 2. Imagens de curtas produzidos pelos alunos

Os participantes do projeto descreveram com bastante entusiasmo suas participações e trabalharam em seus curtas diferentes práticas docentes, participando de todas as etapas do projeto, propondo transformações adequadas à realidade escolar.

A produção de vídeos pode, assim, efetivamente motivar os alunos e auxiliá-los nessa mudança de uma postura passiva para ativa perante o seu aprendizado e à construção do conhecimento. E isso muitas vezes é influenciado pelo seu caráter intrínseco, relacionado, geralmente, ao lazer. Como cita Moran (2013, s/n),

O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico. Mas ao mesmo tempo, saber que necessitamos prestar atenção para estabelecer novas pontes entre o vídeo e as outras dinâmicas da aula.

Mas consideramos que, para além de auxiliar esses alunos em sua formação, a produção de vídeos tem um papel ainda maior. A partir do momento em que o aluno muda sua forma de ver e interagir com o mundo, em que passa a ter um papel ativo ao invés de apenas absorver e reproduzir conhecimentos, em que passa ele próprio a construir novos conhecimentos, esse aluno tende a mudar, também, a sua forma de conceber a educação, o que significa que poderá levar essas experiências para sua prática educativa, quando estiver na posição de professor e não mais de aluno.

4. Considerações finais

O Curta Licen, projeto de aprendizagem iniciado com os alunos do quarto período do curso de Licenciatura em Química sob orientação da professora dos componentes de Didática e de Psicologia da Educação, ao longo do ano de 2012, teve como finalidade ampliar processualmente a visão dos envolvidos sobre a possibilidade do uso de elementos culturais, no caso os curtas-metragens, em sala de aula.

Trabalhamos nesse projeto para unir cultura, ensino e linguagem cinematográfica, tomando o cuidado de buscar desenvolver motivação, planejamento, elaboração e contínua colaboração entre alunos e professor.

Dentre as etapas de desenvolvimento, os alunos envolvidos participaram do 19º Vitória Cine Vídeo, conheceram mais sobre a linguagem dos curtas em cursos online, assistiram curtas e debateram temas em sala de aula e, ao longo disso, produziram seus trabalhos em grupos.

O projeto culminou com a apresentação das produções dos grupos em um evento no campus que estudam, em fevereiro de 2013, do qual participaram a comunidade acadêmica em geral: alunos da Licenciatura em Química, do curso Técnico em Química, da Licenciatura em Física, docentes e servidores do em geral.

Como resultado deste trabalho, além das produções realizadas e apresentadas no evento, percebemos a ampliação do conhecimento dos envolvidos nas potencialidades da aplicação da produção de curtas como estratégia de ensino-aprendizagem. Foram

descritas pelos participantes, uma nova visão, com reflexão e criticidade, no que tange à questões como: direitos autorais, preconceito, participação e cidadania entre outros.

A continuidade do projeto possibilita a oportunidade de novas experimentações com relação a técnicas de produção dos curtas-metragens e à edição de áudio e vídeo, além de ser importante pesquisa quanto à formas colaborativas de produção dos curtas. Outro trabalho futuro seria a dos alunos, já em momento de estágio, realizassem com os alunos da educação básica, projetos de produção de curtas-metragens.

Referências

- Andrade, Renato. Ferraz, Pâmella; Cunha, Tiago. (2012). (Arquivo de vídeo digital). Viver a Vida. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=IJ-dvDvlo3k>> Acesso em 23 jul. 2013.
- Ardoino, Jacques. A Complexidade. (2010). In: MORIN, Edgar (org). A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.548-558.
- Assis Jr, Pedro Campelo de; [et al] (2012). Produção de curta-metragem: uma ferramenta para o ensino da química. 10º Simpósio Brasileiro de Educação Química (SIMPEQUI). Disponível em <http://www.abq.org.br/simpequi/2012/trabalhos/211-9162.html>. Acesso em 15 mar. 2013.
- Brasil, Giba Assis. Por Que Curta-Metragem?. 2001. Disponível em http://www.casacinepoa.com.br/site_antigo/port/conexoes/porquecm.htm. Acesso em 30 maio. 2013.
- Barbosa, Alexandre; Santos, Emerson; Cappi, Juliano; Alves, Suzana Jaíze; Jereissati, Tatiana; CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil); NIC.br (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR); CETIC.br (Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação). TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012 - Coletiva de Imprensa - Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil. 2012. 43 slides. Apresentação em Power Point. Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/kidsonline/2012/apresentacao-tic-kids-2012.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2013.
- Curta na escola. Ceative Commons - 2002-2011 PortaCurtas.org.br - Alguns Direitos Reservados. Disponível em <http://portacurtas.org.br/curtanaescola/o_projeto.asp>. Acesso em 14 jul. 2013.
- Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo. Disponível em <<http://www.kinoforum.org.br/curtas/2013/>>. Acesso em 14 jul. 2013.
- Greca, Ileana M. and Santos, Flávia M. T. dos. (2005). Investigações em Ensino de Ciências – V10(1), pp. 31-46, 2005 Dificuldades da generalização das estratégias de modelação em ciências: o caso da física e da química. Investigações em Ensino de Ciências – V10(1), pp. 31-46. Disponível em <http://www.if.ufrgs.br/public/ienci/artigos/Artigo_ID122/v10_n1_a2005.pdf>. Acesso em 14 jul. 2013.
- International Short Film Festival Berlin. Disponível em <<http://www.interfilm.de/en/interfilm-de.html>>. Acesso em 14 jul. 2013.

- Instituto Claro. (2010) - Instituto Claro - Copyleft. by Edelman Significa. Disponível em: <<https://www.clarocurtas.com.br/>>. Acesso em 14 jul. 2013.
- Instituto Claro. Guia do educador suplemento pedagógico do miniguia de produção de vídeos de curtíssima metragem: Experimentação audiovisual em ambientes educativos. 2011a. Disponível em www.clarocurtas.com.br. Acesso em 02 de jun. de 2013.
- Instituto Claro. Miniguia de Produção de Vídeos de Curtíssima Metragem. 2011b. Disponível em www.clarocurtas.com.br. Acesso em 02 de jun. de 2013.
- Magalhães, Marcos. Cartilha Anima Escola. Anima Mundi. 2007. Disponível em <http://www.animaescola.com.br/documentos>. Acesso em 02 jun. 2013.
- Mercado, Luis Paulo L. Formação docente e novas tecnologias. In: Mercado, Luis Paulo L. (org.). Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002, p. 11-28.
- Moran, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. Disponível em <http://www.eca.usp.br/moran/vidsal.htm>. Acesso em 30 maio. 2013.
- Morin, Edgar (org). (2010). A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Napolitano, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.
- Nobre, Isaura Alcina Martins. Nunes, Vanessa Battestin. Fávero, Rutinelli da Penha, Gava, Tânia Barbosa and Bazet, Lydia Márcia Braga. (2012). Os processos de Multi, Inter e Transdisciplinaridade em um Curso voltado para a Formação Continuada de Professores em Informática na Educação. Anais do XVIII WIE Rio de Janeiro, 26 a 30 de Novembro de 2012. Disponível em <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/2108/1874>>. Acesso em 14 jul. 2013.
- Oliveira, Francisco Kelsen de. Santana, José Rogério and Pontes, Maria Gilvanise de Oliveira (2010). O vídeo pela Internet como ferramenta educacional. Anais do XVI Workshop Sobre Informática na Escola - WIE 2010. Belo Horizonte, 20 a 23 de Julho de 2010. Disponível em <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/2064/1826>>. Acesso em 14 jul. 2013.
- Porto, Deyvid; Carvalho, Lorena. (2012). Arquivo de vídeo digital. A música na Vida. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=mqySMRQxw98>. Acesso em 23 jul. 2013.
- Rodrigues, Mirian. Oliveira, Cleverton; Ragassi, Vinicius. (2012). Arquivo de vídeo digital. Memórias Ocultas. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=XBpydH08fRo&feature=youtu.be>>. Acesso em 23 jul. 2013.
- Piaget, Jean. Abstração reflexionante: relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- Tosato, Flavia; Castro, Wiviane; Pirola, Káren. (2012). Arquivo de vídeo digital. Atitude: um passo pra mudança. Disponível em <http://vimeo.com/59775039>. Acesso em 23 jul. 2013.

Vescovi Netto, Hylson. Nobre, Isaura Alcina Martins. Produção de material digital como diferencial no processo de ensinoaprendizagem. (2011). In: Nobre, Isaura Alcina Martins [et al]. Serra, ES: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2011.

Vitória Cine Vídeo. (2011). Disponível em <<http://festivaldevitoria.com/20vcv/>>. Acesso em 23 jul. 2013.